

“A MINHA VIDA TODA”: UM ESTUDO DE CASO SOBRE O BAIRRO SÃO JOSÉ NA CIDADE DE PARNAÍBA – PI

VIVIANNE OLIVEIRA COSTA

Doutoranda em Sociologia -

Universidade Estadual do Ceará

Email: vivianne.oliveira@aluno.uece.br

(<https://orcid.org/0000-0003-3885-7045>)

REVISTA ZABELÊ

DISCENTES PPGANT - UFPI



RESUMO:

As Ciências Sociais se expandiram desde seus pesquisadores e teóricos clássicos até os contemporâneos e as pesquisas acerca do entendimento da vida nas cidades proporciona a compreensão das diversas formas de viver e conviver nas sociedades urbanas, onde o indivíduo passa a ser objeto de investigação. É pensando nesse sujeito, que a cidade de Parnaíba -PI se torna um cenário prolífero para as investigações acerca dos processos sociais, políticos, morais, culturais, históricos, econômicos e subjetivos onde podemos compreender a representação da vida cotidiana. E nesse sentido o ambiente do bairro é estudado como local das manifestações e representações das relações sociais, a partir dos atores que compartilham sentimentos, emoções, laços de solidariedades, bem como ações e conflitos entre grupos e indivíduos interdependentes (Simmel, 2006). Este trabalho compõe um dos capítulos da minha dissertação de mestrado 35 defendido na Universidade Federal do Piauí e tem como objetivo maior compreender o bairro São José, sob a ótica do seu cotidiano e análise dos moradores que fazem desse ambiente um espaço de relações sociais que se estruturam através das narrativas da vida cotidiana dos mesmos.

PALAVRAS-CHAVE: Cidade; Cotidiano; Antropologia Urbana; Emoções; Parnaíba.

RESUMÉN:

Las Ciencias Sociales se han expandido desde sus investigadores y teóricos clásicos a los contemporâneos, y las investigaciones sobre la comprensión de la vida en las ciudades permite entender las diferentes formas de vivir y convivir en las sociedades urbanas, donde el individuo pasa a ser objeto de investigación. Es pensando en este sujeto, que la ciudad de Parnaíba -PI se convierte en un escenario prolífico para investigaciones sobre procesos

sociales, políticos, morales, culturales, históricos, económicos y subjetivos donde podemos comprender la representación de la vida cotidiana. Y en ese sentido, se estudia el entorno barrial es estudiado como lugar de manifestaciones y representaciones de las relaciones sociales, a partir de actores que comparten sentimientos, emociones, lazos de solidaridad, así como acciones y conflictos entre grupos e individuos interdependientes (SIMMEL, 2006). Este trabajo compone uno de los capítulos de mi tesis de maestría defendida en la Universidad Federal de Piauí y tiene como principal objetivo comprender el barrio São José, desde la perspectiva de su cotidiano y el análisis de los habitantes que hacen de este entorno un espacio de relaciones sociales que se estructuran através de las narrativas de su vida cotidiana.

PALABRAS CLAVE: Ciudad; Cotidiano; Antropología Urbana; Emociones; Parnaíba.

INTRODUÇÃO

As formas de vida social no meio urbano tem se tornado objeto de implicações empíricas e metodológicas dentre as muitas áreas das Ciências humanas e sociais, ultrapassando a lógica espacial trazida pela Geografia ou Arquitetura. Preocupações como, as formas de sociabilidade, as subjetividades dos indivíduos que habitam a cidade, as formas de organizações sociais, as representações morais, valores, conflitos, hierarquias e tudo aquilo que se movimenta em um campo simbólico e social onde o outro e os outros em reciprocidade fundam a sociedade. Portanto, entendemos que, é na complexidade das cidades que a vida humana se projeta, sob ações e reações dos sujeitos, das suas histórias

de vidas, nos conflitos e intrigas, amores e frustrações dos atores sociais, mas também, é na complexidade desse espaço citadino, entre ruas, bares, praças, lojas, etc. que buscamos viver ou sobreviver em um tempo e espaço que se refaz cotidianamente.

Buscando compreender melhor como se estruturam os espaços da cidade, os fluxos, os contrafluxos dos atores sociais que a vivenciam, as formas de sociabilidade no cotidiano dos seus moradores, de maneira que nos permita uma compreensão a partir dos seus principais fazedores. Entre as conexões, o movimento das ruas e suas interações com os lugares, (Ingold, 2012) o meio urbano não deve ser apenas compreendido enquanto ambiente de práticas econômicas, mas também como cenário que abriga conflitos, sentimentos, emoções que se configuram em um espaço interdependentes vivenciados por seus indivíduos. É um pulsar de sentidos compartilhados, como linhas ao longo das quais as coisas são continuamente formadas. Portanto, a cidade surge como um emaranhado de coisas e uma malha de linhas entrelaçadas de crescimento e movimento contínuo.

Para Mauss (1974) o indivíduo é construído culturalmente a partir de um sistema simbólico e representado por algo ou alguma coisa, no entanto, está sujeito a se modificar de acordo com tempos e espaços determinados socialmente logo, a ideia de indivíduo varia de sociedade para sociedade. Este indivíduo além de fazer parte da categoria “ser social” é antes de tudo, uma conscientização da sua própria existência enquanto pessoa é um ser único e inconfundível, racional e subjetivo.

Para Norbert Elias (1994), é nas formas de interdependência social que se encontram os efeitos de configurações arquitetados e modelados por indivíduos que, a todo o momento, se processam ganhando novas formas e novos significados. Os sujeitos sociais, neste sentido, não são apenas tratados como objeto de uma racionalidade, são, sobretudo sujeitos

com emoções, ações e sentimentos específicos, resultantes da cultura, da sociedade e de todos os fatores simbólicos, ritualísticos e subjetivos que se configuram e resignificam na sociedade e na vida cotidiana de seus agentes. Dessa forma, o indivíduo atua na formação do social e não são passivos sociais, mas indivíduos únicos, que vivem em função de outros (Schutz, 2012) e ao interagirem formam uma rede de inter-relações.

Logo, em busca de compreender como essa rede de inter-relações interage no cotidiano dos indivíduos em sociedade essa pesquisa nasce, de questionamentos em busca do entendimento da vida nas cidades. Este trabalho é parte da minha dissertação de mestrado defendida na Universidade Federal do Piauí – UFPI, e tem como objetivo, compreender as nuances de um bairro tido enquanto tradicional por seus moradores na cidade de Parnaíba, litoral do estado do Piauí.

Buscamos aqui observar de acordo com o trabalho de campo e entrevistas realizadas durante o período da apreciação da pesquisa, como o bairro vai se revelando enquanto campo de práticas sociais, resultado da interação de diferentes esferas de grupos ou tribos (Maffesoli, 1998) que o utilizam enquanto cenário, bem como, compreender a forma que o seu cotidiano interage com as diferentes maneiras de existir em sociedade.

O BAIRRO SÃO JOSÉ – ENTRE A MORADORA E O “OBJETO”

O bairro São José, outrora Tucuns¹, compreende o que ficou conhecido como a “parte histórica” de Parnaíba. Situado às margens do rio Igarauçu “rumo” ao centro, o bairro é conhecido por muitos aspectos, além de

1 De acordo com Caio Passos (1982), o bairro era apenas uma grande mata fechada, carregada de uma planta chamada tucum. Esta planta é denominação comum a diversas palmeiras, em geral cespitosas do gênero *Astrocaryum* e *Bactris*, nativas da América do Sul, especialmente do Brasil; Palmeira de grande porte, que se encontra principalmente nas regiões Nordeste, Norte e Centro-oeste.

compor o “panteão” histórico da cidade. “O cheira mijo”, como também é conhecido, já foi palco de marinheiros que desciam do Porto das Barcas para aventurar-se às margens do rio Igarçu nas embarcações que iam e vinham de diversos lugares com matéria prima de importação e exportação.

Foi também, abrigo de uma massa de trabalhadores informais, vareiros, comerciantes, donas de casa, prostitutas, boêmios e mulheres a lavar suas roupas na beira do rio (Passos, 1982). Por ser um bairro localizado nos interstícios do rio Igarçu, norteia alguns elementos que denotam precariedade em sua estrutura e saneamento básico, como reforça Ferreira (2019):

Os bairros à margem do centro, local de moradia dos trabalhadores do comércio e do cais, vão estar sujeitos aos problemas inerentes ao próprio lugar e entre eles podemos citar os alagamentos e a proliferação de doenças oportunistas devido justamente à falta de saneamento. A falta de água encanada era situação presente o que fazia com que as atividades diárias como a lida com a roupa e o abastecimento de água das casas fossem feitas diretamente no rio (1994: 49).

39

Os alagamentos são até os dias de hoje um problema que perpetua no bairro e na cidade de Parnaíba como um todo. Enquanto moradora, ouvia constantemente, comentários, ou “zoações”² em relação às cheias (figura 1). Pois diziam que no bairro São José “os carros são como as lanchas, as motos são como os *jet ski* e os pedestres são como os banhistas”³. Outras vezes, em época de fortes chuvas na região, ouvia que para poder sair de casa tinha que “pegar o bote” por ser área alagadiça, era comum ver alguns botes nas ruas das residências onde à cheia do rio mais prejudicava, ou até

2 O mesmo que tirar sarro, ou zombar.

3 Referência à propaganda da Marinha do Brasil da Campanha de segurança do mar de 2010. https://www.youtube.com/watch?v=a_57nMdJ_F0

mesmo, crianças brincando nas poças d’água que formavam. Tornou-se natural, questionar aos moradores “você é alagado (a)?” como uma forma de classificação social dentro do espaço do bairro, geograficamente, a parte compreendida como inferior do bairro, é a área alagadiça, onde os moradores ficam mais sujeitos a terem suas casas invadidas pelas cheias do rio Igarauçu, e a parte que fica mais próxima ao centro seria a parte “superior” do bairro, onde as cheias pouco comprometem. Esse lado da cidade, é composto pelos bairros: Centro Coroa e Mendonça Clarck, ambos bairros formam a parte “baixa da cidade”, logo uma região alagadiça. Então se a pessoa reside em uma área mais propensa a alagamentos, era julgada pelos moradores como “alagado (a)”, uma das características do ser morador do São José. Quando falamos, sobre o “ser” morador de determinado bairro, estamos falando não apenas de uma categoria social, mas também subjetiva e ontológica, portanto, caracteriza o “ser” morador do bairro São José ou como preferem os mais velhos do bairro “Tucuns”?

Figura 1 casa no bairro São José na cheia do rio Igarauçu, 2011



Fonte: Acervo pessoal

Os elementos históricos, culturais e subjetivos nos auxiliam na construção do processo identitário, para a compreensão do “ser” morador do bairro enquanto uma forma de pertencimento tanto do bairro, quanto da cidade. É possível, que compreendamos uma realidade a partir de um pedaço do que ela representa, logo, é possível compreender a cidade a partir de um bairro. Esses elementos denotam o que ficou embrionado na memória dos moradores em cada aspecto, pois, em cada um existe uma forma diferente do sentido de habitar, existir, e pertencer no espaço.

O bairro é caracterizado por seus mais variados elementos. Pra quem é “de fora”, certamente enxergará aspectos diferenciados de quem é “de dentro” e pode senti-lo “de perto” para utilizar categorias de Magnani (2002). Logo, pude observá-lo sobre ambos os aspectos, e mais ainda “de perto” e “de dentro”. Enquanto moradora do bairro, dentro do meu cotidiano, não observava certas nuances, pois as categorias de pensamento Bourdieu (1994) introjetadas no meu *habitus* tornava difícil observá-lo enquanto objeto de pesquisa, mesmo acreditando que não era uma moradora que compartilhava dos códigos do bairro. Sobretudo, acreditava nessa premissa, por ainda não conseguir me distanciar suficientemente do bairro. Somente com o exercício de “estranhar o familiar” e tornar o “familiar estranho” foi que pude adentrar no campo de forma “limpa”, dos meus conceitos preestabelecidos sob o mesmo. Tarefa difícil para uma pesquisadora de dentro que, por vários momentos questionavam-me a efetividade dessa ferramenta metodológica.

Logo, conhecer o ambiente trouxe aspectos ora positivos, ora negativos. Entendo que positivamente possibilitava a minha permanência em alguns ambientes e o acesso as casas e as ruas aparentemente de forma “livre”. Por outro lado, conhecer os espaços e as pessoas atrapalhava a busca pela objetividade do campo pesquisado, em especial, às entrevistas. Por mais que eu não frequentasse todos os ambientes do bairro, os

moradores sabiam quem eu era, o que tornava difícil a comunicação, sendo por diversas vezes, questionada pelos interlocutores mais do que o necessário. Perguntas do tipo, “como anda a vida”, “como estão seus avós”, “mas quantos anos você tem, mesmo?”, faziam parte da rotina das entrevistas. Em contrapartida, quando o morador (a) não me conhecia, as conversas eram de forma desconfiada e rápida, apenas depois de certo período em que já estava imersa no campo enquanto pesquisadora foi que pude perceber a fluência do bairro e a efemeridade do seu cotidiano, que enquanto moradora passava até despercebido, ou até mesmo, naturalizado.

COTIDIANO E PERTENCIMENTO

O bairro pode ser entendido como local de morada e pertencimento. Chamamos aqui de pertencimento o apego que os indivíduos têm ao local em que estão inseridos (Koury, 2016: 48) no qual as pessoas se ligam umas às outras ao compartilharem experiências, o viver do dia a dia, as lembranças acionadas em conversas de calçada, a fofoca, o sorriso, ou a desconfiança, as redes de sociabilidade. O lugar, enquanto pertença, é o espaço onde, podemos dizer que, se fundam as relações sociais em que os indivíduos se reconhecem e reconhecem os outros a partir dos diversos sistemas simbólicos.

Portanto, é no mundo das relações sociais que o mundo social se constrói. São as formas específicas, o viver cotidiano, a vida de todo dia, na qual os indivíduos interagem, agem, e definem as ações humanas. Entendemos esse mundo como “mundo da vida cotidiana” que de acordo com Schutz representa a “realidade interpretada pelos homens subjetivamente dotada de sentido para eles na medida em que forma um mundo coerente” (2012: 35), dessa forma, a realidade é constituída de acordo

como apreendemos o mundo, e na apreensão dos sentidos subjetivamente construídos nas experiências vividas. Assim, essa apreensão dos fenômenos sociais dá-se pelo sentido que os moradores do São José dão sentido às suas ações, no decorrer das suas vivências no bairro (Martins, 1948: 41).

O cotidiano nos oferece segurança, ele é imutável, mas não passível de mudanças, o que sentimos quando o cotidiano de uma hora pra outra sofre mudança, é insegurança. A rotina, que nos prende, o invisível do cotidiano, torna-se visível ao quando percebemos que somos, de certa forma, reféns dele. Simmel (2006) compreende que o processo das relações sociais são formas de *sociedades*, isto é, tudo o que existe na interação dos indivíduos movimentada por interesses, impulsos, condicionamentos psíquicos, preferências individuais que estimulam efeitos recíprocos e interdependente uns sobre os outros, a fofoca, por exemplo, é um tipo de *sociação* que impulsiona os indivíduos a estabelecerem contratos sobre o que se fofoca, de quem se fofoca, como se fofoca, dentro do ambiente do bairro ou de uma rua, fazendo com que os moradores interajam, logo a fofoca é o interesse que move o sentido de interagir.

43

Podemos dizer que, a representação da vida social é vista sob um conjunto de significados, onde os indivíduos dão sentido e reproduzem seus signos, seus modos e estilos de vida, sua posição de classe, suas hierarquias, suas redes de solidariedade, etc. Percebemos assim, os laços nos quais estes atores sociais, utilizam suas formas e conteúdo que compõem a constituição e o desenvolvimento do mundo da vida⁴.

Esse mundo, como dito acima, é um mundo compartilhado. É um mundo experienciado por mim e pelos outros, é o mundo da relação Nós-Eu (Elias, 1994), das nossas experiências na esfera mundana

4 No sentido Schutziano de Mundo da vida, dentro de uma abordagem fenomenológica, é o mundo onde o indivíduo está totalmente desperto, é a principal realidade de sua vida, trata-se das esferas totais da experiência de um indivíduo (2012: 348).

(*alter ego*). É nesse sentido, que o mundo da vida cotidiana deve ser considerado como o mundo intersubjetivo (Schutz, 2012: 84) comum a todos nós. E se nós direcionamos nossas ações a esse mundo, elas nos modificam assim como são modificadas por ele, como aponta Schutz:

O mundo é tomado como evidente por mim é também tomado como evidente por você, meu semelhante, e mais do que isso, que é tomado como evidente por “nós”, mas esse “nós” não inclui somente eu e você, mas todos aqueles que pertencem ao “nós”, ou seja, a todos aqueles que possuem um sistema de relevâncias (suficientemente) semelhante ao meu e ao seu (2012: 201).

Ele mostra como nós encontramos nossas *consciências* nesse mundo e para onde ela a direciona, esse mundo é o da vida cotidiana. É no mundo ordinário que o cenário da apreensão das nossas experiências são guiadas, onde, podemos desempenhar diferentes papéis sociais na medida em que nós concebemos esse mundo. Goffman (1985) tratou da vida social como um teatro no qual estamos, na maioria das vezes, representando diversos papéis e acionando *fachadas*. Para ele, esse mundo tem a possibilidade da plasticidade, do orientar-se mediante o tempo, já que o “EU” é ator de si mesmo no palco da vida cotidiana.

Essa percepção do mundo pode ser compreendida como uma forma de redução fenomenológica do fenômeno da “vida social”, onde o minguamento do mundo até a sua “essência” é apreendido socialmente, testado “ao longo do tempo”, somando esferas de costumes, tradições, e uma herança social que é transmitida, algumas enraizadas na condição humana (Schutz, 2012: 91), é a percepção de como esse mundo funciona com base no que o indivíduo percebe dele, nas suas miudezas, chegando às profundas esferas das subjetividades individuais, de cada morador, bem como, na compreensão que eu tenho de mim e do outro.

Portanto a natureza dos fenômenos sociais, os códigos compartilhados, que nos permite que tenhamos contato, com outros (interacionismo - simbólico), parte da ideia de que a consciência que o indivíduo pensa do mundo e de si (do comportamento individual para o coletivo) forma o que compreendemos por relações sociais, que serão caracterizadas pela relação entre o indivíduo e o mundo da vida em que são formadas, sobretudo aqui entre os moradores do São José e o bairro, por processos intersubjetivos onde são construídos tanto pela comunicação entre os sujeitos quanto pelas experiências humanas.

Podemos então questionar o que há de especial na vida de um bairro para outro? O que diferencia o bairro São José de outros bairros de Parnaíba-PI? Autores que tem se dedicado aos estudos dos bairros urbanos, levam em consideração os aspectos físicos e sociais do mesmo. Gilberto Velho (2003) por exemplo, pode ser descrito enquanto um percussor, pelo menos no que diz respeito ao Brasil, nos estudos de bairros urbanos e trazer para a Antropologia uma nova forma de olhar para a cidade, Gilberto Freyre com os estudos sobre o cotidiano, sobre as minuciosidades do dia a dia, tanto em Casa Grande e Senzala (2006) como em Sobrados e Mocambos (2013). Percebemos em Velho (2003), a importância que ele dá aos mapas, às descrições dos apartamentos do edifício Estrela, aos aspectos estruturais, de Copacabana, o antes e o depois, em especial à cidade do Rio de Janeiro.

Parnaíba, ainda não é uma cidade que se verticalizou (figura 2). Diferente de outras grandes cidades do Nordeste, sua verticalização está em estágio embrionário. Vê-se, em grande parte dos bairros, a presença de casas e condomínios de pequenos apartamentos, umas coladas nas outras, seguindo o mesmo padrão de distribuição. Em bairros próximos às Universidades, vê-se a presença de pequenos prédios não ultrapassando dois andares, geralmente locados por estudantes, no qual muitos vêm de cidades próximas.

No bairro também se encontram duas praças em seu envoltório: a Praça Antônio do Monte e a Praça José Narciso, além das escolas municipais: Godofredo de Miranda, na rua General Taumaturgo, Coração Imaculado de Maria, na rua Coronel Gervásio e a Escola Comercial do Círculo Operário São José na rua Emílio Falcão Costa, esta última desativada. O bairro possui ainda duas igrejas católicas, a Igreja São José, localizada na rua Monsenhor Roberto Lopes e a da Nossa Senhora da Conceição, localizada na rua do Tamancão, uma igreja Batista, uma Neopentecostal e um Centro Espírita localizado na rua Vera Cruz bem como a Santa Casa de Misericórdia e recentemente vem sendo construído uma pequena Marina (VM Marina Club), ao final da Rua Barão do rio Branco, comportando lanchas e combustível para embarcações de pequeno porte, onde antes era a antiga Casa de Curtumes. Além disso, em seu entorno se encontra a Fundação Raul Furtado Barcellar, na Rua Vera Cruz, o Sindicato dos Pescadores, único na cidade, na rua Barão, e o mercado da Quarenta⁵ onde há circulação de pessoas de vários outros locais, abrigando o terminal principal de vans e ônibus da cidade, compondo assim um grande fluxo de pessoas que não moram na região, mas que são levadas para lá seja pelo comércio popular, trabalho, ou como um ponto de passagem.

⁵ O Mercado da Quarenta, antes conhecido como Munguba, é onde se localiza o mercado central, que na verdade compõe o bairro Mendonça Clarck. Para alguns moradores sua localização está no perímetro que corresponde ao bairro São José por não ter limites bem definidos entre um bairro e outro, é também onde grande parte da população do bairro frequenta diariamente.

Figura 2 Avenida São Sebastião, uma das principais avenidas da cidade de Parnaíba - PI



47

Fonte: Morais Brito

O bairro São José possui atualmente, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), uma população com cerca de 5,576 habitantes, o que corresponde a 3,7% da população total de Parnaíba, estimada em 153.482 habitantes⁶. No bairro, de acordo com o último censo (2010), existem mais mulheres do que homens, com 55,06% de mulheres e 44,94, de homens. A população jovem entre 15 a 25 anos compõe 19,6% e idosos a partir de 65 anos e correspondem a 12,3%.

Lembro-me que ao iniciar a pesquisa, minhas impressões da população do bairro foram diferentes da que o censo apresentou. Nesse caso, acreditava haver mais idosos a jovens, à medida que ia vendo o bairro, pois geralmente, tanto na rua em que pude observar como no ao longo das caminhadas no

⁶ IBGE 2020.

bairro, eram os idosos que mais se destacavam no perímetro do bairro: praças, bares, beiras de calçada, esquinas, igreja, padaria, ficando restrito aos jovens a praça José Narciso, e algumas esquinas, onde apenas podia ser observado um grupo seletivo frequente. Tendo em vista, que o bairro carrega aspectos de “perigoso”, “escuro” e “vazio”, havia horários, por exemplo, em que não se via mais ninguém em suas portas, apenas as luzes das casas acesas, e janelas e portas trancadas onde se podia ouvir as televisões ligadas. Geralmente entre os horários da 19h30min da noite, notava-se uma dispersão das pessoas, as mercearias que permaneciam abertas até as 21h00min, mostrava um fluxo de transeuntes, conversando rapidamente, os jovens ficavam ou nas esquinas de suas casas, ou de colegas mais próximos, mas nunca muito longe das suas residências, e muitos idosos sentava-se nas varandas de suas casas, beirando a rua, com as grandes fechadas, e como uma moradora disse-me uma vez “estou só vendo o movimento”. O sentar-se a porta de casa é uma característica comum do bairro, em umas ruas mais que outras. Na Rua coronel Gervásio, por exemplo, não se observava esse costume, diferente da Rua Barão do rio Branco, onde havia um movimento rotineiro de transeuntes e de vizinhos indo uns para a porta dos outros, com suas cadeiras e tamboretas, em ruas mais próximas ao rio a iluminação é bastante precária, algumas ficam escuras durante a noite, causando receio até em quem mora no próprio bairro, como relata uma moradora da Rua Coronel Gervásio:

Eu moro aqui, mas não passo por essa rua sem ser no carro ou com alguém porque ela é esquisita demais, muito escura, eu prefiro dar a volta pra chegar ali na esquina que ai tem os postes acesos e fica melhor pra andar só, não gosto muito de andar só né, muito ruim, ainda mais nessa escuridão. Às vezes eu ligo pra Maria pra ir à mercearia comigo a do seu Raimundo que fica mais longe daqui, se eu morasse mais próximo de lá eu ia só, mas fica

meio longe ai fica ruim, vai que eu sou assaltada, ou coisa assim. Tem o espetinho ali na esquina que fica até movimentado, mas já teve assalto até lá dentro do espetinho (NAT, 23 anos, estudante).

Como foi observado durante a pesquisa, é comum perceber que ao anoitecer algumas ruas ficam mais escuras que outras, alimentando o imaginário do bairro de violento e perigoso durante a noite, mas seguro e movimentado durante o dia, é interessante, pois foi quando percebi que dificilmente realizava entrevistas durante a noite, e na maioria das vezes saia durante o dia para andar pelo bairro, quando saia pela noite, não levava aparelho celular nem nada que pudesse chamar atenção, mesmo sendo moradora bairro, assim como eu outros moradores manifestavam sentimentos semelhantes:

49

Mulher, eu moro aqui minha vida toda, nunca fui assaltada não, mas eu sei que Parnaíba tá entregue aos bandidos, eu não saio mais de casa com bolsa, eu pego uma sacola da natura, ou qualquer uma que não chame muita atenção e coloco meu celular dentro, o dinheiro se eu levar coloco dentro dos peitos, o bom de morar aqui é que é do lado do centro, e de dia é mais tranquilo pra andar um pulo e tá lá, e olhe lá, porque eu só vou mesmo pra resolver algo rápido, pagar uma conta ou ir no supermercado, deixo as meninas em casa, tranco as portas e vou, não saio muito aqui não, quando tô em casa eu deixo ate às vezes o portão aberto mas sempre fico por aqui pela cozinha que da pra rua ai não tem muito perigo não (SIO, 36 anos, cabeleireira).

Durante o período em que estava fazendo pesquisa observei que no bairro São José, as ocorrências de assalto, medo de sair desacompanhados ao anoitecer são comuns entre os moradores⁷, em especial as mulheres.

7 A partir de agosto do ano de 2021, o Piauí e o Maranhão passam a integralizar a Rede de Observatório da Segurança, permitindo o monitoramento de casos que envolvem violência contra

De acordo com os dados da Rede de Observatórios da Segurança, Piauí e Maranhão somam 1.210 eventos entre mortes e feridos. O relatório chama a atenção aos casos que envolvem grupos faccionados (Bonde dos 40, Comando Vermelho e PCC) que hoje estão em ampla disputa tanto na capital como no litoral do estado em especial, Parnaíba. A Rede aponta que uma mulher é vítima de violência a cada 72 horas tanto no Piauí como no Maranhão, sendo o Piauí o estado com um contingente de policiamento e delegacias para o enfrentamento de violência contra mulher, escasso. O monitoramento dos eventos enfatiza que o estado do Piauí por ser menor em comparação ao estado do Maranhão em população e em tamanho, possui uma maior proporção nos casos estudados, sendo 51%, no Piauí e de 49% no Maranhão.

Como podemos perceber na fala da moradora quando diz que a cidade está “entregue aos bandidos” identificamos a escassez apontada no relatório em relação ao policiamento precário, bem como ao medo de ir e vir dos moradores em seu bairro e em suas residências, fazendo com que os moradores estejam sempre vigilantes, mudando o seu próprio ⁶³ como o fato de utilizar uma “sacola” ao invés de uma bolsa de uso comum entre as mulheres.

Em trabalho realizado por alunos e professores do mestrado em Artes, Patrimônio e Museologia da Universidade Federal do Delta do Parnaíba – UFDPAr (2021), na ocasião os alunos realizaram uma pesquisa ação do tipo Museologia social envolvendo o conjunto paisagístico histórico da cidade de Parnaíba onde os bairros São José, Coroa e Mendonça Clack são contemplados enquanto locais que abrigam o conjunto da arquitetura

mulher, homicídios, violência policial, dentre outros. A rede surge como forma de suprir uma certa omissão do Estado em produzir dados. Em especial, no Piauí, foi realizado uma parceria com o NUPEC – Núcleo de Pesquisas sobre Crianças, Adolescentes e Jovens da Universidade Federal do Piauí.

popular tradicional. Ambos os bairros abrigam, no seu processo histórico, a população tida como mais pobre da cidade, assim como, trabalhadores informais, lavadeiras, vareiros, trabalhadores do antigo cais do Porto das Barcas. O diagnóstico aponta ainda que, por mais o elevado índice de violência que a cidade demonstra em dados recentes, há ainda, um sentimento de pertencimento em relação à cidade onde os moradores acreditam ser uma cidade que oferece qualidade de vida e o povo é amigo. Em relação aos pontos negativos, o quesito segurança aparece em primeiro lugar seguido de saúde, moradia, vínculo empregatício e infraestrutura.

Quando eram questionados sobre os pontos negativos que a cidade apresenta, tivemos segurança, saúde, desemprego, infraestrutura e educação como os temas mais citados. Os problemas relacionados segurança pública com a violência, assaltos e consumo de drogas foram os mais comentados. O medo é um traço bem nítido nas falas (Diagnóstico da paisagem de Parnaíba – PI, 2021: 119).

51

O sentimento de medo, mesmo sendo algo latente no morador do bairro São José, integrando o cotidiano do bairro, não diminui o sentimento de pertencimento dos moradores para com o mesmo, pois, existem formas no qual os próprios moradores driblam a insegurança utilizando dispositivos de mobilidade e mudança do dia a dia, como por exemplo, ao trancar todas as portas, não sair com coisas que chamem atenção, não sair desacompanhada, ligar para um conhecido, etc. Koury (2002) percebe que o fenômeno do medo é acima de qualquer coisa uma construção social que se encontra nas formas de convivência mútua entre os indivíduos, e que, enquanto fenômeno social, desenha um jogo de manutenção tanto da ordem quanto da desordem, da semelhança e da dessemelhança entre os indivíduos que compartilham códigos sociais mutualmente. Logo, o medo, no imaginário da sociabilidade do homem comum, que perpassam a estrutura da condição

cotidiana do bairro sejam elas intrinsecamente relacionadas à memória do passado ou ao que ocorre no aqui e no agora, no ordinário.

ENTRE O SANTO E A PLANTA – CONSTRUINDO UMA HISTÓRIA DO BAIRRO

Mesmo com todas as transformações urbanísticas e arquitetônicas, o bairro, ainda é visto pelo o que era antigamente, tanto pelo nome que carregava (Tucuns) como por sua formação histórica, pois alguns moradores, em especial os mais velhos, que ainda o chamam de Tucuns. Mas mais do que sua formação histórica, o sentimento de pertencimento para com o bairro é carregado de afeições, adjetivos e saudosismo, que o medo da insegurança e da violência muitas vezes serve como forma de contribuir para esse sentimento, como forma de conflito que de certa forma fortificam os laços dos indivíduos (Simmel, 2006). De acordo com Caio Passos (1982), o bairro era apenas uma grande mata fechada, carregada de uma planta chamada tucum⁸, e como tudo deriva de uma origem, o contar de Passos sobre a origem do bairro que chega a soar como um conto poético daquele local:

Era uma mata cerrada. O tucum, planta da família das palmáceas que dá um coco bom e gostoso, imperava na região. O rio “caminho que anda”, deslizava. O homem, este aventureiro audaz, começou a fazer às margens do rio Igarapu, as suas casas de barro batido, cobertas das palhas dessas palmeiras balouçantes ao vento. Era um novo povoamento que nascia dentro da mata, em busca de um horizonte, de um amanhã, cheio de sol. Dentro

8 Denominação comum a diversas palmeiras, em geral cespitosas do gênero *Astrocaryum* e *Bactris*, nativas da América do Sul, especialmente do Brasil; Palmeira de grande porte, que se encontra principalmente nas regiões Nordeste, Norte e Centro-oeste. Era comum ver o uso do tucum para fabricação de redes e de acessórios como o “anel de tucum” e as redes de tucum que são ásperas quando novas e macias quanto mais são utilizadas.

de pouco tempo estava formada a Rua do Tamancão, bem na beira do rio. A sua denominação surgiu do hábito dos seus moradores usarem rústicos tamancos, por ser zona alagadiça. E o apelido pegou, até que passou para sete de janeiro, isto em 1893[...] Ali moravam as famílias que faziam do rio seu tesouro encantado. Eram vareiros, canoeiros e pescadores. E foi assim que surgiu o Bairro dos Tucuns, sob o signo do trabalho e da tenacidade do homem que se levanta ao nascer do sol e se deita ao faiscar das estrelas (Passos, 1982: 44).

O bairro teria 107 anos de idade de acordo com sua primeira planta. Quando seu traçado definitivo feito pelo Intendente Municipal Cel. Constantino Correia o construiu. Atualmente o bairro é composto por 25 ruas e por um conjunto de casas simples, (Figura3) todavia, as residências que beiram o rio possuem uma arquitetura diferenciada, apresentando calçadas altas, com fachadas mais modestas, algumas construídas com tijolos de adobe e várias casas conjugadas. Já as residências próximas ao centro possuem suas calçadas mais baixas, rente à rua e com aspectos mais abastado. Podemos perceber as diferenças arquitetônicas e sociais do bairro entre as ruas e casas que beiram as margens e as que estão próximas ao centro.

Figura 3 Casas comuns no bairro São José, rua 3 de novembro



Fonte: Arquivo pessoal

Entre estas existe uma avenida principal que dá acesso ao centro e ao antigo porto de exportação da cidade localizado entre o bairro São José e o bairro Mendonça Clarck. O sentimento de estima ao bairro é pelo imaginário de que o bairro não é mais, passado do bairro aciona um sentimento de saudosismo em especial nos moradores mais velhos. Em uma entrevista com um antigo morador do bairro e da cidade, que hoje reside em outra cidade, mas mantém seus vínculos ainda com o bairro fala um pouco sobre a condição do bairro “antigamente”.

O bairro era muito movimentado, principalmente aqui pra baixo, pois as embarcações motorizadas faziam o transporte de passageiros e cargas entre Parnaíba e povoados e as cidades do Maranhão e Ceará no sentido rio acima. As ruas eram todas de areia. Mas durante a década de 70 começou a aparecer problemas que não tínhamos mesmo sendo famílias simples e humildes,

mas era um povo que procurava viver da melhor maneira. Como sempre teve muitos bares no bairro, alguns cabarés. Com o tempo que isso foi acabando, as drogas começaram a entrar, que já existia, mas era pouca. Tinha as brigas de bairro, mas o bairro era seguro. Na minha época, não existia isso que começou na década de 70 e ta aí até hoje. O São José não é mais o Tucuns que eu conheci. “Os maconheiros nas esquinas e na beira do Igarauçu, é só o que tem hoje pra se ver” (FRCO, 57 anos, contador).

É nesse ambiente que os espaços aqui observados também interagem em um tempo histórico e presente na memória, delineando aquela condição ao qual usei anteriormente para se falar sobre: “o outro lado do centro de Parnaíba, como nos lembra Henri Lefebvre “a cidade tem uma dimensão simbólica; os monumentos, como também os vazios, praças e avenidas, simbolizam o cosmo, o mundo, a sociedade ou simplesmente o Estado” (Lefebvre, 2001: 70) o que implica, de algum modo, as classes estigmatizadas e marginais entre o século XIX e XX, que ainda persiste em nossa contemporaneidade. Na fala com o Sr. Francisco, é notável o sentimento de saudade em relação ao bairro de antigamente. Para ele, o ‘São José’ é diferente do ‘Tucuns’, pois foi perdido o verdadeiro *ethos*⁹ do bairro, assim, não era mais o povo que, mesmo pobre e humilde, “procurava viver da melhor maneira”, mas agora os “maconheiros” que começam a tomar conta do bairro e “desmoralizar” aquele ambiente do trabalhador tido enquanto honesto, que labutava cotidianamente no antigo bairro dos Tucuns.

A ênfase nesse aspecto salienta o imaginário do bairro em relação à cidade e a contradição sobre ser morador de um bairro por hora

9 De acordo com o dicionário de Sociologia de Boudon (1990, p.99) o *ethos* é uma ordem normativa interiorizada, um conjunto de princípios mais ou menos sistematizados que regulam a conduta da vida. O *ethos* é um conceito abstrato que correspondem indicadores empíricos nas esferas econômica, religiosa, moral, etc.

tranquilo de se viver, mas também conhecido por ser ponto de drogas na cidade, enfatizado também pela mídia local, que o coloca enquanto região “problema” e um dos fatores é a sua proximidade com o bairro vizinho, o Mendonça Clark. Mesmo com a imagem estigmatizada, elaborada pela mídia e pelos moradores, o bairro, para grande parte das pessoas, ainda é o lugar onde a saudosa Parnaíba nasceu.

Nesse processo percebemos que, para além das mudanças estruturais ocorridas com o bairro durante toda a sua formação histórica, vale aqui ressaltar que a mudança dos nomes de alguns bairros de Parnaíba, passou pelo processo do qual eles denominaram de “santificação”, uma vez que os nomes “originais” dos bairros foram substituídos por nomes de santos católicos, algo comum principalmente se levar em conta que a maioria da população de Parnaíba é católica, no entanto, esse processo foi visto por alguns como um corte cultural na memória e caracterização da cidade, mas para outros, era vista como uma forma de entrar na modernidade, começando pelo nome, como diz em uma matéria no jornal Inovação:

Parnaíba vem se descaracterizando em todos os sentidos. Começando pelo cultural até ao da denominação dos bairros. O macacal hoje é o bairro de Fátima; os Tucuns Bairro São José; a Guarita, São Francisco, e vai por aí afora, a cidade perde um lado histórico marcante (Jornal Inovação, junho de 1986: 7).

Essa descaracterização, que o jornal descreveu, fora esclarecida pelo antigo prefeito Lauro Correia, que exerceu seu mandato nos anos de 1963 a 1967, esclarecendo em entrevista ao mesmo Jornal Inovação, que os nomes dos bairros teriam sido mudados a pedido dos próprios moradores.

Não foi de minha iniciativa os projetos de lei que mudaram os nomes dos bairros da cidade, e sim de vereadores. Os

vereadores de Parnaíba em legislaturas, anteriores à minha administração, alteraram os nomes de alguns bairros, tais como: Macacal, Tucuns e Coroa. Com efeito, os moradores do Macacal, dizendo-se não serem macacos, pediram a substituição por bairro de Fátima. Analogamente, os moradores do bairro Tucuns dizendo – se humilhados com a denominação que os inferiorizava, solicitaram por abaixo assinado, a mudança do nome de Tucuns para São José, nome da igreja existente no bairro. (Jornal Inovação, dezembro 1986: 02).

A mudança para o nome do Santo padroeiro dos trabalhadores, São José Operário, foi de caracterização simbólica significativa para os moradores. Sua estátua está na praça principal do bairro (Praça José Narciso), é dá o nome à igreja que compõe o bairro, (Paróquia de São José Operário), que é motivo de orgulho para os moradores onde ainda é comemorado um dos festejos mais frequentados pela população, o de São José operário que ocorre entre Março e Abril, frequentado não somente pelos moradores do bairro no qual sua imagem ainda circula pelas ruas do bairro. É o período onde vemos uma ampla circulação de pessoas e transeuntes pelo bairro, fogos de artifício e carros de som pelas ruas anunciando a festa. O bairro é hoje símbolo de tradição e de história para a cidade de Parnaíba. É conhecido ainda pelo estigma da violência e por ser considerado como um bairro periférico. Alguns moradores deixam as residências por conta da violência e por conta do medo.

Existe no bairro um grande número de casas abandonadas pelos moradores que, ao perderem os pais, seguem suas vidas em outros bairros ou até sem outras cidades. O bairro é também conhecido como bairro dos velhos, pois, apesar dos dados apontarem um número maior de jovens a idosos, o imaginário do bairro persiste sob a categoria de tradicional da cidade. De acordo com um antigo morador que não quis ser identificado, “o tempo do São José já passou”, pois como é um bairro próximo ao centro

e a Santa casa de Misericórdia era um destino procurado pelas pessoas, no entanto a cidade de Parnaíba de lá para cá, apresentou um crescimento em especial aqueles locais próximo às universidades, sendo áreas mais propícias à criação de grandes condomínios e pequenos prédios. Koury, ao fazer um estudo etnográfico sobre o bairro Varjão em João Pessoa, reflete esse movimento de perda versus a saudade do que o bairro fora um dia, refletido a sua decadência em relação ao medo dos moradores (medo da violência, da velhice, do desemprego) bem como a angustia pela perda do bairro de relações saudáveis (Koury, 2010: 308-309). Esse sentimento de perda, de ressentimento, no caso do bairro São José/Tucuns levou muitos moradores, a escolherem outros bairros, o que fez com que a rotina dos moradores alterasse pela nova ordem social imposta dentro do que se convencionou chamar de uma “cultura emotiva” em relação ao bairro. Portanto, acreditamos que essa cultura emotiva vai delinear as nossas formas de ser e estar no mundo social permitindo que, compreendamos as emoções como produto dessa construção simbólica e o reflexo desta na constituição das relações que atravessa o sentido psicológico vestindo – se de significados que desabrocham no banal, e na vida cotidiana.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A cidade, o bairro e a rua enquanto objeto de compreensão do cotidiano no meio urbano, e nos permite perceber a forma que as relações se estabelecem. Aquilo que é considerado comum, e por que não dizer, óbvio é também passível de análise. O cotidiano deve ser levado em consideração principalmente por que se manifesta enquanto obvio para os indivíduos, mas nem por isso deve ser ignorado.

Descrevo, o bairro São José como espaço social construído de costumes e tradições, onde os indivíduos organizam-se entre si formando um elo integrado entre espaço físico e espaço construído moralmente, culturalmente, e socialmente no qual, convivem e que, segundo Ítalo Calvino (1990) passam a ser vistas sob as suas simbologias e os significados da existência humana. A cidade aqui vai sendo revelada sob as dinâmicas que percorre o invisível das suas formas e dos seus mistérios, elucidados, pelas redes de relações e interações que movimentam a vida de cada habitante. É nesse sentido que compreendemos o bairro São José/Tucuns sob a ótica de seus moradores e sob os sentidos individuais e coletivos que se fazem presentes nas suas formas de ser e estar na cidade, nas sociabilidades, na memória e no sentimento de pertença que cada morador possui, para com o bairro e conseqüentemente para com a cidade.

59

Logo o objeto desta pesquisa, teve como o intuito buscar demonstrar de que formas o homem que habita as margens da cidade, nesse caso o bairro São José, se insere na ideia de subjetividades estabelecendo novas configurações sociais e criando uma cultura emotiva nos moradores da cidade. Além disso, com a observação do cotidiano podemos perceber que à medida que o tempo passa há uma alternância de atores sociais que transitam no bairro, a velhice que acompanha a rua, a identidade do bairro que se altera diante da mudança de nome e das práticas sociais. O bairro vai se delineando como categoria antropológica e sociológica vista como espaço de transição e de morada, espaço onde as relações sociais se mantem ou não. As observações me levaram a perceber que o bairro fala por si, em suas formas e construções espaciais, em suas ruas, e em seus habitantes. A medida que tentava identificar os códigos de vizinhança, entre os moradores, também identificava as minhas formas de conviver no bairro, de existir e de sentir o cotidiano e seus moradores, que foram se

revelando no decorrer do trabalho. As modificações espaciais do cenário urbano do bairro, a modificação nas estruturas de organização do Cotidiano, as formas de sentir e pertencer juntamente com o imaginário do medo e da violência.

Vivemos, a rotina do presente, da vida que passa ligeiro, da busca de sentido nas coisas mesmas que podem até não ter sentido algum. A rotina do cotidiano dessa forma, tal qual a modernidade é inconclusa e passageira, talvez não tenhamos ou não sejamos modernos José de Souza Martins, por exemplo, reconhece que vivemos nessa sensação moderna, que apenas nos traz a nostalgia do tempo vivido no presente do cotidiano “para o homem comum, os acontecimentos do cotidiano são os que ficam na memória, são os que têm importância” (Martins, 2008: 136).

Bauman (2004) também vai perceber que a superficialidade do cotidiano nos leva a superficialidade da vida passageira, o cotidiano de hoje nos sufoca nos condicionando a rotina, com a pandemia, isso demonstrou cada vez mais intenso, com a quebra da normalidade do cotidiano, mas mesmo assim, o novo cotidiano continuou nos espremendo na liquidez da vida insolúvel, dos dias que não passavam, das horas eternas, sendo obrigados a enfrentar a rotina de trabalho que não queríamos a rotina de casa, e de todo dia ser o mesmo, repetido. As pesquisas sobre estas pequenas coisas demonstram a necessidade e importância do estudo da vida no cotidiano das cidades, bem como as emoções na sociedade contemporânea, ancorando as reflexões que se traduzem no campo empírico da antropologia e sociologia urbanas que não se esgotam.

REFERÊNCIAS

Bauman, Zygmunt. *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*.

Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

Boudon, R. & Bourricaud, F. *Dicionário crítico de sociologia*. São Paulo: Editora Ática, 1993.

Bourdieu, Pierre. *Razões Práticas*, São Paulo, Ed. Papyrus, 1994.

Certeau, Michel de. *A invenção do cotidiano: a arte do fazer*. Petrópolis: Vozes, 2014.

Costa, Vivianne Oliveira. *ENTRE CASAS E TUCUNS: um estudo sobre Cotidiano, Pertencimento no Bairro São José em Parnaíba –PI*. Dissertação (Mestrado em Sociologia) Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2019.

Elias, Norbert. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.

Estefânio, Fábio Lustosa. *Diagnóstico da paisagem do patrimônio do conjunto histórico e paisagístico de Parnaíba – PI*. São Paulo, Mentis abertas, 2021. 61

Ferreira, Ivanilda Sá. *Meu bairro é meu Patrimônio: educação patrimonial no conjunto histórico e paisagístico de Parnaíba-PI*, dissertação de mestrado, UFDPAR, Pós graduação em artes, patrimônio e museologia, Parnaíba, 2019.

Freyre, Gilberto. *Sobrados e Mucambos; decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano*. Cap 1 e 2. (p. 104-165), 16° edição, São Paulo, Editora Global, 2006.

Goffman, Erving. *A representação do eu na vida cotidiana*. Petrópolis, Vozes, 1985.

Haguette, Teresa Maria Frota. *Metodologias qualitativas na sociologia*, Petrópolis, Vozes, 2005.

Heller, Agnes. *O cotidiano e a história*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

Ingold, Tim. Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 18, n. 37, p.25-44, jan/jun, 2012.

Koury, Mauro Guilherme Pinheiro. *Quebra de Confiança e conflito entre iguais: Cultura emotiva e moralidade em um bairro popular*. Coleção Cadernos do GREM, Recife Ed. Bagaço, 2016.

_____. *Introdução à Sociologia da Emoção*. Coleção Cadernos do GREM, N°3, João Pessoa, Manufatura, 2004.

_____. *Pertencimento, medos corriqueiros e redes de solidariedade*, Sociologias, Porto Alegre N° 25, ano 12. p. 286-511, 2010.

Maffesoli, Michel. *O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa*, 2 edição, Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998.

Lefebvre, Henri. *O direito à cidade*. São Paulo: Centauro, 2001.

Magnani, José Guilherme Cantor. De perto e de dentro: Notas para uma etnografia urbana. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, Vol.17, n. 49. 2002.

_____. A antropologia urbana e os desafios da metrópole. *Revista Tempo Social*, (p.81-95), Aula inaugural na FFLCH/USP, abril, 2003.

Passos, Caio. *Cada rua sua história*. Associação Parnaibana de Letras, Parnaíba – PI. 1982.

Pesavento, S. J. *O imaginário da cidade: visões literárias do urbano - Paris*, Rio de Janeiro, Porto Alegre. 2. ed. Porto Alegre: UFRGS, 2002.

Declínio do Homem Público: as tiranias da intimidade. Editora Record, 2014.

Silva, Josenias dos santos. *Parnaíba e o avesso da belle époque: Cotidiano*

e pobreza (1930-1950). Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-graduação em História do Brasil, Teresina, 2012.

Simmel, Georg. As grandes cidades e a vida do espírito. In, Velho (Org). *O fenômeno Urbano*. Rio de Janeiro, Zahar Editores 1979.

_____. “A Metrópole e a Vida Mental”. In, Velho, Otávio Guilherme. (Org). *O Fenômeno Urbano*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1979.

_____. *Questões fundamentais da sociologia: indivíduo e sociedade*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2006.

Schutz, Alfred. *Fenomenologia e relações sociais*. Wagner, Helmut R. (Org.). Editora Vozes, 2012.

Velho, Gilberto. *A utopia Urbana*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1982 Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

Sites:

Rede de Observatórios da Segurança – Retratos da violência - novos dados do Maranhão e Piauí <http://observatorioseguranca.com.br/> acesso em: 13/11/2022, às: 22:34.

Periódicos:

Jornal Inovação (1978, 1985).